

## OPINIÃO

## Como as instituições financeiras estão se protegendo dos ataques cibernéticos no que tange às empresas

Ticiania Amorim (\*)

Com o avanço da tecnologia, muitos setores dependem de forma histórica de ferramentas digitais que atuam como um auxiliar nos serviços, e as instituições financeiras não são exceções.

Segundo o Monitor de Fraudes da Febraban, as perdas evitadas por sistemas de detecção em tempo real alcançaram R\$5,8 bilhões apenas no primeiro trimestre de 2026. Entretanto, o custo médio de um vazamento de dados no setor financeiro subiu para US\$6,1 milhões por ocorrência, impulsionado pela alta complexidade das fraudes envolvendo pagamentos instantâneos e sequestro de identidades digitais.

Diante desse cenário, a segurança cibernética não deve ser considerada como um diferencial competitivo, mas como a base obrigatória para qualquer transação. Isso porque a confiabilidade consolidou-se como um ativo institucional indissociável da governança. Assim, as instituições financeiras não buscam segurança para se destacarem, mas para cumprir o dever fiduciário de proteger o patrimônio e os dados de seus clientes sob normas rigorosas de conformidade.

No entanto, a eficácia da defesa no setor não é uniforme; ela varia drasticamente conforme o grau de proteção exigido pelo Banco Central. No topo dessa pirâmide estão as instituições de Segmento 1 (S1). Diferente de fintechs menores ou instituições de segmentos inferiores (S2 a S5), um Banco S1 opera sob as exigências regulatórias mais pesadas do país devido à sua importância sistêmica. Além disso, a partir das resoluções de 2025/2026, a obrigatoriedade de testes anuais realizados por profissionais independentes torna-se o padrão para identificar falhas antes que sejam exploradas.

Enquanto instituições menores podem focar em proteções periféricas, um ambiente S1 exige auditorias contínuas e o cumprimento integral da Resolução CMN n.º 4.893. O grau de proteção S1 impõe

uma infraestrutura capaz de suportar estresses sistêmicos, exigindo que cada elo da cadeia tecnológica passe por processos de validação de riscos que não existem em níveis mais simples de licenciamento.

Por sua vez, a evolução das estratégias de proteção — como o uso de IA, Machine Learning e Continuous Exposure Management (CEM) — reflete a necessidade de monitorar vulnerabilidades em tempo real. Assim, a implementação da Arquitetura de Confiança Zero (Zero Trust) é hoje o padrão intrínseco: nenhum usuário ou dispositivo é confiável por padrão, exigindo verificação contínua independentemente da localização na rede. Essa proteção estende-se, obrigatoriamente, à cadeia de suprimentos.

Além disso, devido ao aumento de ataques a terceiros, os protocolos rígidos exigidos pelos bancos de grande porte garantem que seus parceiros não sejam vetores de vulnerabilidade. O uso de backups imutáveis e recuperação rápida não são mais "ferramentas de auxílio", mas salvaguardas essenciais para garantir a restauração de dados críticos em caso de incidentes.

Em suma, é necessário que os usuários e funcionários também estejam integrados a essa cultura de vigilância, reconhecendo que o fator humano é parte crítica da governança. Portanto, operar sob a égide de um Banco S1 significa que a fintech não está apenas seguindo boas práticas, mas está inserida no nível máximo de resiliência exigido pelo estado. Com investimentos globais projetados para US\$240 bilhões até o fim de 2026, fica claro que a cibersegurança é a própria infraestrutura do mercado. Dessa forma, ter o respaldo e os processos de um Banco S1 é a garantia de que a instituição possui o maior grau de proteção possível contra interrupções de negócios e vazamentos, sustentando de forma sólida o ecossistema financeiro digital.

(\*) CEO e fundadora na Aarin, a techfin do Grupo Bradesco. Comunicóloga formada pela Universidade Federal da Bahia, fundou a Aarin após o exit como sócia da ZigPay, a maior fintech do mundo. É reconhecida como uma das principais vozes femininas em Embedded Finance no Brasil.

## Geração Z lidera resistência à inteligência artificial

Há anos, líderes do setor de tecnologia vem alertando que a inteligência artificial traria uma revolução sem precedentes, eliminando milhares de empregos. Isso já está acontecendo, e para quem consegue escapar das demissões em massa, a mensagem dos executivos é clara: adotar a tecnologia deixou de ser opção e passou a ser condição para manter o emprego.

Vivaldo José Breternitz (\*)

Esse cenário faz crescer a rejeição à IA, que já invade quase todos os aspectos da vida cotidiana, rejeição que tem como causas desde as incontáveis postagens irrelevantes em redes sociais até chatbots falhos que tentam substituir o atendimento humano.

Segundo o site *The Verge*, essa rejeição é especialmente visível entre a Geração Z, aqueles nascidos desde meados da década de 1990 até o início dos anos 2010. Trata-se de uma geração que enfrenta um mercado de trabalho difícil após perder parte de sua juventude em função da pandemia da COVID-19.

Tradicionalmente, os jovens abraçam inovações. Mas, para a Geração Z, uma tecnologia concebida para substituir o ser humano é recebida com desconfiança e alimenta uma rebelião crescente.

As preocupações não são infundadas. Os efeitos colaterais da febre de IA generativa tornam-se cada vez mais evidentes: enormes data centers degradam o meio ambiente em escala alarmante, enquanto o uso indiscriminado de chatbots ameaça habilidades cognitivas e de pensamento crítico e, em alguns casos, leva a graves problemas psicológicos.

Pesquisas recentes reforçam o pessimismo. Um levantamento da Gallup mostrou que apenas 18% dos jovens da Geração Z se dizem "esperançosos" em relação à IA, uma queda de nove pontos em comparação com os números de 2025. A entrada da tecnologia no meio acadêmico é um dos pontos mais sensíveis. "A IA não pode coexistir com a educação, só pode degradá-la", escreveu o jornal estudantil da Universidade da Pensilvânia em editorial publicado em março.

Parte da desilusão vem da capacidade dos jovens de identificar falhas da tecnologia, como as chamadas "alucinações" e o risco do chamado "cognitive offloading", quando tarefas mentais passam a ser transferidas para máquinas, podendo, em casos extremos, levar ao chamado "brain rot", uma expressão popularizada recentemente para descrever a deterioração mental causada pelo consumo excessivo de conteúdo digital irrelevante, especialmente em redes sociais; em 2024, o termo foi eleito "palavra do ano" pelo Dicionário Oxford, refletindo a preocupação crescente com os impactos da vida online.

A Workplace Intelligence é uma empresa de pesquisa focada no futuro do trabalho, enquanto a Writer é uma plataforma de



Darren415\_CANVA

IA generativa voltada para uso corporativo. Juntas, elas têm conduzido estudos sobre a adoção de IA em empresas, revelando tensões entre executivos e funcionários. Pesquisas realizadas pelas mesmas mostram um cenário extremo em que muitos jovens chegam a sabotar iniciativas de IA em suas empresas.

De acordo essas pesquisas 44% dos trabalhadores da Geração Z afirmaram estar "sabotando a estratégia de IA da empresa de alguma forma", seja inserindo informações confidenciais ou falsas em chatbots ou até mesmo se recusando a usar ferramentas de IA.

Novas tecnologias podem trazer novas soluções, mas podem também criar problemas...

(\*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – [vnjtz@gmail.com](mailto:vnjtz@gmail.com).

## A IA que pensa, o líder que decide

A Inteligência Artificial deixou de ser promessa. Ela já está aqui, redesenhando o presente nos negócios, na educação, na medicina, no transporte, em tantas áreas; e também na forma como tomamos decisões.

Mas o que separa quem vai se beneficiar dessa transformação de quem vai ficar para trás não é conhecimento técnico. É a mentalidade. Esse é o ponto central que desenvolvo no livro "O Mindset da IA: ela pensa, você decide". Não é a tecnologia que determina o futuro, é a forma como escolhemos usá-la.

A IA não tem intenção. Não tem propósito. Não tem responsabilidade.

Ela amplia o que já existe. Se as decisões forem boas, ela potencializa resultados. Se forem ruins, ela escala erros.

Por isso, mais importante do que aprender a usar IA é aprender a pensar com ela. Estamos diante de uma mudança que exige menos respostas prontas e mais perguntas melhores. Quem lidera nesse novo contexto não é quem domina ferramentas, mas quem questiona, interpreta e decide com consciência.

E isso nos leva a um ponto desconfortável: o medo da IA fala mais sobre nós do que sobre a tecnologia. O que nos inquieta não é a máquina em si, mas o fato de que ela nos obriga a rever hábitos, abandonar certezas e sair da zona de conforto. A IA não ameaça apenas empregos, ela desafia modelos mentais.

Dentro das empresas, isso fica ainda mais evidente. A tecnologia, por si só, não transforma nada. Cultura transforma. Ambientes que



Guilherme Horn

incentivam aprendizado, experimentação e responsabilidade compartilhada avançam mais rápido. Já organizações que não toleram falhas acabam travando o próprio potencial da IA.

Outro ponto crítico são os vieses. Ou confiamos demais nos algoritmos ou desconfiamos completamente deles. E nenhum dos dois caminhos funciona.

Usar IA com inteligência exige equilíbrio, questionar resultados, entender limites e, principalmente, assumir que a decisão final continua sendo humana.

Também é importante entender que essa transformação nem sempre é visível. Muitas vezes, ela acontece de forma silenciosa, até o momento em que se torna inevitável. E quando isso acontece, já não há mais tempo para acelerar a curva de aprendizagem.

A boa notícia é que, quando bem utilizada, a IA não diminui o humano, ao contrário, ela amplia nossa capacidade de criar, de analisar, de decidir melhor.

Mas isso só acontece quando usamos a tecnologia como extensão do pensamento, e não como substituto dele. No fim, a discussão sobre IA não é tecnológica. É humana. É sobre responsabilidade, ética e, principalmente, sobre escolhas.

A tecnologia pode pensar, mas continua sendo o ser humano que decide, e é exatamente por isso que a pergunta mais importante deste momento não é "o que a IA é capaz de fazer?", mas "que tipo de decisão nós estamos preparados para tomar com esse poder nas mãos?".

Porque, no fim, não será a inteligência artificial que definirá o futuro.

Seremos nós, com a mentalidade que escolhemos construir.

(Fonte: Guilherme Horn, head do WhatsApp para Mercados Estratégicos (Brasil, Índia e Indonésia) e autor do livro *O mindset da IA – ela pensa, você decide*.)

## News@TI

## 2ª empresa mais admirada em dados na América Latina

O Grupo Boticário é reconhecido pelo quinto ano consecutivo como uma das companhias mais admiradas em Dados da América Latina, alcançando a segunda colocação no ranking do State of Data Brazil 2025-2026 e se destacando como a companhia de beleza mais bem posicionada no TOP 10 Empresas mais admiradas por profissionais de dados na América Latina.\*\*\* O levantamento, realizado pela Data Hackers, maior comunidade de data science, machine learning e big data do Brasil, em parceria com a Bain & Company, reforça a consistência da estratégia da companhia na construção de um ecossistema de beleza cada vez mais orientado por dados, tecnologia e inovação, com foco na experiência do consumidor e na geração de valor para todo o negócio (<https://www.grupoboticario.com.br/>).

Empresas & Negócios José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Responsável: Lilian Mancuso

**Editórias**  
Economia/Política: J. L. Lobato ([lobato@netjen.com.br](mailto:lobato@netjen.com.br)); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza ([ricardosouza@netjen.com.br](mailto:ricardosouza@netjen.com.br)); Livros: Ralph Peter ([ralphpeter@agenteliterarioph.com.br](mailto:ralphpeter@agenteliterarioph.com.br));  
Comercial: [comercial@netjen.com.br](mailto:comercial@netjen.com.br)  
Publicidade Legal: [lilian@netjen.com.br](mailto:lilian@netjen.com.br)

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza.  
Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

**Jornal Empresas & Negócios Ltda**

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080  
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: [netjen@netjen.com.br](mailto:netjen@netjen.com.br)  
Site: ([www.netjen.com.br](http://www.netjen.com.br)). CNPJ: 05.687.343/0001-90  
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)  
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410